

Tios, perus e tucano: notas sobre um perspectivismo rosiano

Rafael Pansica*

<https://orcid.org/0000-0001-9033-5610>

Resumo: Este artigo propõe uma leitura comparativa entre dois contos de Guimarães Rosa publicados em *Primeiras Estórias* (1988 [1962]): “As margens da alegria” e “Os cimos”. O espelhamento dessas estórias nos permitirá apontar o posicionamento político-artístico do autor que será caracterizado, aqui, como um posicionamento perspectivista. O tratamento literário da colonização do sertão brasileiro nesses contos não faz apenas a denúncia crítica da destruição do ecossistema do cerrado, mas apontará também para o ataque contra um regime social perspectivista constituído pela mútua implicação afetiva dos seres que povoam o que costumamos separar como “natureza” e “sociedade”.

Palavras-Chave: Guimarães Rosa. Primeiras estórias. Perspectivismo.

Uncles, turkeys and toucan: notes on a Rosian perspectivism

Abstract: This paper proposes a comparative reading between two Guimarães Rosa’s short stories published in *Primeiras Estórias* (1988 [1962]): “As margens da alegria” and “Os cimos”. The mirroring of these stories will allow us to point out the author’s political-artistic stance, which will be characterized here as a perspectivist stance. The literary treatment of the Brazilian backlands colonization does not only denounce the destruction of the *cerrado*’s ecosystem but will also point to the attack against a perspectivist social regime constituted by the mutual affective implication of the beings that populate what we usually separate as “nature” and “society”.

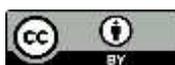
Keywords: Guimarães Rosa. The third bank of the river and other stories. Perspectivism.

Tíos, pavos y tucán: apuntes sobre un perspectivismo roseano

Resumen: Este artículo propone una lectura comparativa entre dos cuentos de Guimarães Rosa publicados en *Primeiras Estórias* (1988 [1962]): “As margens da alegria” y “Os cimos”. El “espejamento” de estos cuentos nos permitirá señalar la posición político-artística del autor, que será caracterizada aquí como una posición perspectivista. El tratamiento literario de la colonización del sertón brasileño en estos cuentos no sólo hace la denuncia crítica de la destrucción del ecosistema del *cerrado*, sino que también señalará el ataque contra un régimen social perspectivista constituído por la mutua implicación afectiva de los seres que habitan lo que solemos separar como “naturaleza” y “sociedad”.

Palabras Clave: Guimarães Rosa. Primeras historias. Perspectivismo.

* Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2016). Atualmente, é doutorando no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) com pesquisa na linha de Teoria e História Literária. E-mail: rpansica@hotmail.com.



“Pra me contar as histórias
 Que no tempo de eu menino
 Rosa vinha me contar
 Vou-me embora pra Pasárgada”
 (Manuel Bandeira)

“Vou-me embora para a grande cidade em construção. Aqui eu não sou feliz. Lá a existência é uma aventura”. Assim poderia imaginar um árcade às avessas, deixando-se levar rumo à aventura idealizada na grande cidade moderna em construção. A cidade em construção como uma espécie de Pasárgada: lugar cuja possibilidade de existência já teria o poder de afetar os que embarcam nessa viagem futurista que abre “As margens da alegria”, de João Guimarães Rosa. Com efeito, toda a composição inicial do conto é realizada para induzir uma experiência sonhosa de leitura, para que também possamos vivenciar o “docemente de repente” da viagem, “seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades” (p. 7)¹. A indução inicial dessa experiência de leitura, dessa captura voluntária da leitora e do leitor, certamente ficaria comprometida caso o autor tivesse nomeado diretamente a cidade destinada. Quem, ao ler este conto pós-1964, se deixaria encantar, dessa maneira, por um “vou-me embora pra Brasília”?

“As margens da alegria” é o texto que abre *Primeiras Estórias* (1988 [1962]), livro de contos curtos a romper a tendência das narrativas longas – novelas e romance – que, a esta altura, já consagravam Guimarães Rosa nacional e internacionalmente. O formato mais curto dos contos não deixou de se apresentar como um desafio criativo para esse autor de tantas letras. Pelo menos é o que o próprio Rosa sugere em uma conversa com Manuel Bandeira, que o cita, de memória, assim, em seu “Rosa em três tempos”:

Puxei conversa a propósito da colaboração semanal que Rosa iniciou em *O Globo*. Eu desejava saber, para meu governo, o que Rosa estava sentindo diante dessa obrigação, hebdomadária de um estirão de jornal assinado por ele. A resposta veio pronta: — “Angústia. [...] Começo a escrever, um mundo de coisas, ideias, imagens, reminiscências, me acodem. Escrevo cinco, dez, quinze páginas. É preciso reduzir a três. Começo a cortar, começo a corrigir. Aí tomo

¹ A edição de *Primeiras Estórias* que me utilizo aqui é a de 1988, da editora Nova Fronteira. Diferentemente das outras citações, referir-me-ei aos contos deste livro indicando apenas as páginas.

gosto. Nunca se acaba de corrigir. O meu desejo é então continuar corrigir até o fim da minha vida. Mas há que entregar os originais. E no dia seguinte recomeçar coisa nova” (BANDEIRA, 2007 [1966], p. 41-42).

Muitos dos contos que compõem *Primeiras Estórias* já haviam sido publicados nesse espaço, mais restrito e delimitado, da coluna que o autor assinava em 1961 no jornal *O Globo*. E este ponto é interessante. Assumir uma coluna em um jornal talvez representasse, para Rosa, mais do que um desafio formal de escrita. Talvez também se apresentasse como uma oportunidade de ampliar seus leitores e de se posicionar em relação aos debates públicos. A construção da capital moderna de um país que se imaginava em um processo acelerado de modernização era, sem dúvida, pauta tratada nas páginas de *O Globo* à época. Ora, é nesse espaço de debate político que Rosa apresenta, pela primeira vez, seu “As margens da alegria”: texto que se constitui como um posicionamento crítico ao que muitos defendiam e consideravam ser um processo “civilizatório” do sertão brasileiro. Tal posicionamento político-artístico de Rosa em relação a essa marcha brasileira para o oeste não se limitará ao apontamento da destruição do ecossistema daquela região do cerrado (ponto que a fortuna crítica rosiana bem soube destacar, por exemplo, em Wisnik (2002), e em Safatle (2019)): quero argumentar que a intervenção rosiana incluirá também a sugestão de que se estava, ali, igualmente, a destruir um regime sertanejo animista (que propomos ler, também, como “perspectivista” – *sensu* VIVEIROS DE CASTRO 1996, 2002, 2009): regime constituído pela mútua implicação afetiva dos seres que povoam o que aprendemos a separar como “natureza” e “sociedade”.

Para fundamentar esta proposta de leitura, gostaria inicialmente de destacar o seguinte trecho da entrevista de Rosa a Fernando Camacho, realizada em 1966 mas publicada em 1978 na *Revista Humboldt*: “Eu fui lá quando estavam começando a fazer Brasília. Onde se construía uma grande cidade. *Aquela paisagem das plantas que falam*” (1978, p. 45, grifos adicionados). Que a cidade em construção seja caracterizada animisticamente como a “paisagem das plantas que falam” já nos parece um bom indício de que sua perspectiva autoral ressoe mais o ponto de vista do protagonista angustiado das estórias (o Menino) do que o ponto de vista dos tios e dos engenheiros. A seguir, procuro desenvolver essa proposta a partir da leitura comparada dos dois contos de

Primeiras Estórias que se espelham no tratamento do tema da construção de Brasília, a saber, “As margens da alegria” e “Os cimos”.

“As margens da alegria”

Há muitas maneiras de começar a abordar esta estória. Eu gostaria de começar retomando o contexto histórico em que ela é narrada. Trata-se dos primórdios da construção de Brasília, então futura capital do Brasil, planejada sobre um local estrategicamente definido: o centro do país, para modernizá-lo e integrá-lo. Rosa certamente se interessava pelo debate em torno da construção da nova capital da nação, pois, como dissemos, publicou dois contos críticos sobre o assunto em sua coluna do jornal: “As margens da alegria” e “Os cimos”².

O nome da cidade não é anunciado em nenhum dos dois contos, mas há diversas referências à Brasília: “Vamos aonde a *grande cidade* vai ser, o lago...” (p. 10, com grifos adicionados para chamar a atenção dessa expressão que, como vimos acima, é a mesma que Rosa utilizou em sua entrevista a Fernando Camacho para se referir à Brasília). Além da menção à construção da grande cidade (e do lago...), há também a descrição da fauna e da flora selvagens do cerrado prestes a ser derrubado e, para completar, haverá uma referência cifrada ao plano piloto da cidade no voo do Menino a sobrevoar o espaço da futura capital arquitetada sob a forma moderna de um avião. Não será por acaso que o Menino acompanha a viagem com um mapa em seu colo enquanto olha panoramicamente, de sua janelinha no alto do avião, “o chão plano em visão cartográfica” (p. 7). Como se buscasse confirmar o mapa na visão da janelinha, a representação em sua realização, o Menino aterrissa numa cidade ainda no chão, mas planejada para decolar: “Esta grande cidade ia ser a mais *levantada* do mundo” (p. 9, grifo adicionado).

² Segundo Roque (2019, p. 105), “As margens da alegria” foi publicado em 01/07/1961 e “Os cimos” em 15/07/1961.

Mencionados no conto, o piloto, a aeromoça, os engenheiros e os trabalhadores da terraplanagem são todos personagens que, por meio de suas profissões, apontam para a rede social construída em torno da edificação de Brasília. Ao lado desse núcleo profissional, e relacionado a ele, há também um núcleo familiar de personagens. O Tio, por exemplo, é um dos empregados no conjunto dos profissionais responsáveis pela construção da cidade (provavelmente ele é um dos engenheiros). A maneira como os personagens dos núcleos profissional e familiar são referidos pelo narrador os aproxima: ninguém é tratado pelo nome próprio, apenas por suas posições profissionais e familiares. No caso das posições familiares, elas são nomeadas a partir da perspectiva do Menino, de quem também não sabemos o nome, mesmo ele sendo o protagonista da história. Tudo isso nos leva a crer que o enfoque narrativo está menos sobre a individualidade dos personagens que sobre suas relações e posições recíprocas, ou seja, sobre suas *perspectivas*. Com efeito, parece haver um perspectivismo a organizar as relações sociais e naturais em “As margens da alegria”.

Os temas do olhar e do conhecimento do mundo, próprios ao debate perspectivista, são geralmente sublinhados nas leituras de “As margens da alegria” (entre outros, ver RÓNAI, 2005 [1966]; PACHECO, 2006; TATIT, 2010). Contudo, até onde pude conhecer, não há estudos deste conto que proponham um aporte perspectivista para sua leitura. Tal é o objetivo da interpretação aqui proposta, que começa destacando a indissociabilidade entre o modo como o Menino se encontra afetado e o que ele percebe do mundo. Saber se a magnitude do primeiro peru, contrastado ao segundo, se deve a uma comparação objetiva de suas respectivas características físicas ou se deve à variação afetiva do olhar do Menino sobre os perus é uma questão indecível e não faz sentido em uma análise perspectivista: aqui não se faz a distinção entre uma mirada objetiva e outra subjetiva, pois, num regime perspectivista, tudo o que existe ganha sua objetividade a partir de uma perspectiva específica, individual ou coletiva, mas sempre subjetiva. É por isso que neste tipo de análise o mais importante será buscar compreender o modo como se constrói a interação afetiva entre o Menino e os perus³.

³ Não pressupondo o mundo simplesmente como um dado em si, mas sobretudo como um dado para a percepção criativa das perspectivas, o perspectivismo, de modo geral, pode ser descrito como uma posição epistemológica crítica e alternativa à noção substancialista da *verdade da coisa em si*. Como corolário

Para o Menino, seus dois encontros com os dois perus são surpreendentes, cada um a seu modo. Com o primeiro peru a surpresa se desenvolve como expansão da alegria e dos mistérios que o Menino acabara de experimentar diante das cores e dos sons da mata, viva, que avizinha a casa dos tios. Neste momento, os cantos dos pássaros capturam-lhe a atenção: “Aqueles passarinhos bebiam cachaça?” (p. 8) – se pergunta o Menino. Só então ele avista o peru:

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o rapar das asas no chão brusco, rijo se proclamara. Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto – o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, em transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo. O Menino riu, com todo o coração (p. 8-9).

O peru aparece e *se dá a ver* ao Menino. Plena presença corporal, sua postura captura imediatamente a percepção alegre do garoto, ávido de aventura. É interessante observar que o aparecimento maravilhoso do peru venha, na narrativa, logo após a sugestão de que aqueles passarinhos talvez bebesses cachaça... Como se costuma dizer, cachaça é água que passarinho não bebe. Mas ali, talvez, nesse mundo encantador que o Menino começava a experimentar, os passarinhos bebesses cachaça. O personagem parece estar a associar os volumosos e diferentes cantos dos pássaros, projetados uns sobre os outros, às conversas festivas entre pessoas regadas à cachaça (ver RIAUDEL, 2022). Mas talvez haja algo a mais aqui. O narrador do conto provavelmente está a fazer

ontológico dessa epistemologia, os objetos constituir-se-iam a partir de uma multiplicidade de perspectivas a realizá-los ontologicamente. Mesmo um sujeito a mirar-se não detém, ele próprio, o monopólio de sua (auto)constituição: outros sujeitos, ocupando outras perspectivas, o realizarão de outras formas. E como muitas são as perspectivas e profundas podem ser suas diferenças, muitos serão os *mundos realizados* nos confrontos *ontológicos* estabelecidos nesse regime perspectivista. Os termos grifados não poderiam ser outros, pois, neste regime, as diferenças entre pontos de vista não se instituem como diferenças entre representações de um mesmo e único mundo dado (não se trata de um relativismo), mas como um conflito entre mundos diversos. Estes são, de modo geral, os fundamentos do perspectivismo que trago para a leitura dos contos rosianos. Mas a apresentação desses fundamentos não deve esconder o fato de que, no limite, haverá tantas perspectivas sobre o perspectivismo quanto autores dedicados a abordá-lo. Apesar de conhecer algo da filosofia perspectivista de Gabriel Tarde e de Gilles Deleuze, a principal referência, aqui, será o “perspectivismo ameríndio” proposto por Viveiros de Castro (1996, 2002, 2009, entre outros títulos).

uma menção cifrada a uma técnica de abate do peru muito difundida no Brasil: dar-lhe cachaça. Embriagado, o peru fica mais fácil de ser abatido (ainda que alguns justifiquem a técnica afirmando que a cachaça amacia a carne do peru). Ora, nós que já lemos o conto sabemos que este peru será morto para o aniversário de um doutor – e um peru embriagado, enganado por quem lhe embebedou, prestes a ser morto para um jantar comemorativo, é uma imagem muito potente para interpretar “As margens da alegria”. Será que o peru maravilhoso estava bêbado? O olhar de quem convive com a espécie estaria mais apto para avaliar a questão, mas este não era o caso do Menino. Há, porém, certos indícios do narrador na descrição desse peru: “Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, em transbordamento. Sua ríspida grandeza tonitruante. Sua colorida empáfia. [...] Colérico, encachiado, andando, gruziou outro gluglo” (p. 8-9). Pergunto-me: se esta descrição fosse a de uma pessoa (incluindo o “gluglo” do final), não se a descreveria embriagada?

A surpresa do encontro do Menino com o segundo peru se desenvolve diferentemente: “E – a nem espetaculosa surpresa – viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. [...] Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam. Tudo se amaciava na tristeza” (p. 11). A expectativa e esperança do protagonista era a de que aquele segundo peru não fosse outro, mas o mesmo do encontro da manhã. A decepção do timorato Menino e o subir da noitinha que “é sempre e sofrido assim” (p. 11) parecem impactar o segundo peru, que passa a atacar a cabeça decepada do primeiro. Esta é uma maneira de ler a cena que, muito provavelmente, é a mais enigmática da estória (e certamente uma das mais fortes do conto): como interpretar esse ataque do peru sobre o seu “irmão” de espécie e condição subalterna (domesticada)? O Menino que, de manhã, em sua chegada, se deixou afetar pelos sons, pelas cores, pela presença plena e imperiosa da natureza do cerrado e em especial pelo encontro com aquele primeiro peru que o interpelou, tornou-se (após a morte do peru) um Menino amedrontado e traumatizado que, assim afetado, afetaria também aquele segundo peru, solitário, à noitinha.

Outra maneira de ler a cena pressupõe o *deixar-se afetar por outrem* como mecanismo indutor de uma aproximação incompleta ou identificação parcial entre os

agentes do encontro (o Menino e os perus, neste caso). Tal identificação parcial pode ser vista, por exemplo, na descrição do almoço do conto:

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O Tio, a Tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralar *dele, seu grugulejo*? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo. *Ele* abria leque, impante, explodido, se enfunava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sôfrego de o rever” (p. 9, grifos adicionados).

A composição do trecho é interessante porque nele se alternam duas imaginações: a dos tios e engenheiros, a beber cerveja e imaginar a cidade mais levantada do mundo; e a do Menino, a não comer dos doces para não perder tempo em rever o peru que ele guardara na lembrança durante o passeio de jipe (mas que, neste momento, já estava morto). O ponto é que não se pode saber, ao certo, se o “*ele*” grifado na citação acima refere-se ao peru ou ao Menino. O mesmo pode-se entrever no final do conto: “o [segundo] peru se adiantava até a beira da mata. Ali adivinhara o quê? Mal dava pra se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O Menino se doía e se entusiasmava” (p. 11). Doído e entusiasmado, esse Menino parece ser um pouco dos dois perus, o morto e o vivo, que se encontram na beira da mata. E quando o peru vivo passa a bicar o peru morto haverá, em alguma medida, a figuração da luta que afeta o Menino neste momento final do conto: a tristeza bicando o entusiasmo. Esta luta interna é caracterizada como uma montanha russa de afecções (o vai e vem de altos e baixos): o Menino chega entristecido no terreirinho; a presença e chegada do segundo peru amacia sua tristeza; mas o ataque à cabeça decepada do primeiro peru refaz e potencializa sua tristeza (por muito pouco tempo suspendida); até que a chegada do voo de um vagalume vem para traçar uma linha de fuga mais eficaz daquela tristeza: “Era, outra vez em quando, a Alegria” (p. 12).

Mas o perspectivismo não está apenas nessa relação ontologicamente criativa e afetiva, de mão dupla, entre as agências do Menino e as do mundo. O perspectivismo está também no choque entre diferentes pontos de vista. Ora, uma diferença de perspectivas emerge quando o primeiro peru é morto para o aniversário do doutor. Também atingido pela morte do peru, o Menino passa a se recusar a compartilhar o entusiasmo geral dos outros. Pois até aquele momento da narrativa o tom era de um

contentamento inequívoco, compartilhado por todos: Tio e Tia não estão apenas a participar da primeira grande aventura do Menino; eles se mostram também muito animados com as promessas do que estaria por vir a partir da construção moderna da grande cidade – esta que, conforme se comenta no almoço com os engenheiros, viria a ser a mais levantada do mundo. Mas a morte do peru faz emergir uma diferença, um falso acordo na base daquele entusiasmo inicial compartilhado (uma “equivocação”, nas palavras de VIVEIROS DE CASTRO, 2009). Tal diferença se torna mais clara, na sequência, com a morte da árvore, derrubada para satisfazer uma curiosidade da Tia, num clima descontraído em meio ao passeio de jipe ao centro da cidade. Para a Tia, havia, muito provavelmente, uma beleza moderna naquela demonstração de alta eficácia tecnológica empregada na “limpeza” do terreno. Para o Menino, desde o início encantando pelas belezas do mundo natural, tratava-se da morte covarde de uma árvore só e indefesa. Ainda mais concreto que as penas do peru no chão, o marulho e a imagem da árvore a cair diante do Menino implicam, para ele, um fechamento mais cerrado sobre si, uma disposição mais decidida na recusa a entregar-se à curiosidade compartilhada. É verdade que essa diferença de perspectivas em relação aos tios não é verbalizada pelo Menino. Sua desilusão se expressa apenas indiretamente, através de sua postura silenciosa, imediata, ainda sem condições para desafinar o coro dos contentes e contrapor sua percepção sobre tudo aquilo. Sua solidão e seu silenciamento nos ajuda a entender quão hierárquica e assimétrica é tal diferença de perspectivas.

Esperanças (ou: as margens da tristeza)

A alegria do Menino no avião já é certamente uma alegria, mas trata-se de uma alegria ainda de espécie sonhosa, da ordem do planejamento e da expectativa, projetada num futuro à espera de se realizar em terra: *uma esperança de alegria*. Depois que o avião aterrissa, uma parte desse planejamento se cumpre na periferia da construção cidade: já no primeiro contato do Menino com a exuberante mata avizinhada à casa dos tios, já na

aparição maravilhosa do peru, mas também, reparem, já no passeio inebriante até o lugar em que se planeja construir o sítio do Ipê⁴:

Iam de jipe, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O Menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa. A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição angélica dos *papagaios*. As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o Tio falava: que ali havia “imundície de *perdizes*”. A tropa de *seriemas*, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de *garças*. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava. O buriti, à beira do corguinho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. *Ele estava nos ares* (p. 9, grifos adicionados).

Essa realização da alegria na periferia da cidade em construção tem algo ainda a ver com voo – ou, pelo menos, com pássaros. Há, como vimos, certa predileção do Menino pelas aves, apontada pelo narrador desde o momento em que o Menino chega à casa dos tios e vislumbra pela primeira vez, ali avizinhada, uma mata de cerrado: “Só sons. Um – e outros pássaros – com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração” (p. 8). No passeio de jipe para onde se planejava o sítio do Ipê, as aves não são mais sons anônimos e entrecruzados: são imagens concretas, separadas, especificadas. Os papagaios, em surgimento angélico, parecem estar voando no céu. Mas o pingar das pitangas faz a mirada do Menino passar do céu à terra (o veado campeiro, a canela-de-ema e suas respectivas cores). Quando o Menino volta a mirar os pássaros, estes parecem estar no chão: das perdizes (aves terrícolas que não alçam voos altos), passa-se às seriemas, fugindo em fila, e, por fim, a duas garças que antecedem o corguinho onde o jipe irá atolar. A percepção das aves pelo Menino se faz por dois movimentos: um que vai do céu à terra; outro, no chão, que vai da grande quantidade (“imundície de perdizes”) à pequena quantidade (“par de garças”). Do voo ao pouso, do bando ao par, o

⁴ Aos poucos a estrutura espelhada interna à narrativa vai se desvelando. O encontro maravilhoso com o primeiro peru, em casa, é o ponto de partida de um passeio também maravilhoso em direção a um sítio que leva o nome de uma árvore que não será derrubada para sua construção (o Ipê). Em seguida, tudo se inverte: após a morte do peru, também em casa, tem-se outro passeio, mas um passeio desencantado, em direção ao trabalho de desmatamento do cerrado no centro da construção da cidade, que desemboca na derrubada de uma árvore sem nome.

movimento minguante das aves parece já anunciar, de modo cifrado, a devastação gradual do meio que o Menino, voltando pra casa, estará prestes a começar a testemunhar a partir da morte do peru.

O deslocamento posterior do Menino em direção ao centro da cidade é marcado pela passagem súbita e não-ambígua da alegria à tristeza: “entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia” (p. 10). O centro da grande cidade em construção é um espaço seco, sem as cores da mata, sem a presença dos pássaros; lugar maquinal, morto, sem o encantamento da vida selvagem: “homens no trabalho de terraplenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira” (p. 10).

De cima para baixo, no eixo vertical, tem-se a passagem do sonho ao que costumamos chamar de “realidade”: passagem da expectativa da alegria (no voo macio do avião) à não realização final da expectativa (no jipe que saculeja o Menino entristecido). No eixo horizontal, da periferia ao centro da construção da cidade, tem-se a passagem da alegria à tristeza e, depois, da tristeza à alegria. São esses os marcos espaciais que constituem as margens da alegria. Não por acaso, neste conto em que a alegria tem a ver com voo (no eixo vertical) e com as potências do fora (i.e., com o distanciamento do centro, no eixo horizontal), que a retomada do contentamento se dê a partir do surgimento inesperado de um vagalume, com sua luzinha verde, voando desde o interior da mata, periférica. Essa Alegria final não deixa de ser, à semelhança da alegria inicial, uma espécie de esperança. No entanto, o movimento da alegria no Menino não parece ser circular: a primeira alegria é espalhada, extensa, praticamente infinita; enquanto a segunda é rodeada de tristeza por todos os lados, tal qual a imagem da luz verde e intermitente do vagalume a sair de dentro da noite e da mata. Se a alegria inicial é a *esperança de realização de uma alegria*, a Alegria final é a *realização da alegria enquanto esperança*. Há uma diferença sutil, mas decisiva. Se a primeira é a esperança enquanto pura projeção de uma realização (futura), a segunda é a esperança enquanto realização (presente) de uma afecção que nasce pujante como resistência, como força de desterritorialização no meio de um estado de abatimento. Esta Alegria, maiúscula,

madura, emerge, justamente, no momento em que “alguma força [no Menino], trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe a alma” (p. 11)⁵.

O mecanismo rosiano da interação entre a alegria e a tristeza no final do conto está, me parece, na variação da intensidade dessa resistência enquanto força de desterritorialização: a variação da resistência será também a variação da dimensão e do movimento da alegria forçando a escapada em meio à tristeza. Essa variação constante da margem móvel entre alegria e tristeza faz com que elas quase se misturem. Tal dinâmica lembra um pouco uma fala conhecida de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*:

Eu careço de que o bom seja o bom e o ruim, ruim, que dum lado esteja o preto e de outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado ([2001] 1956a, p. 237).

Em “As margens da alegria”, a passagem da alegria à tristeza é súbita e não ambígua (“entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia”), mas a passagem inversa, da tristeza à Alegria, apesar de igualmente súbita, já apresenta alguma coisa dessa ambiguidade exposta por Riobaldo: o rápido vai e vem na montanha russa de emoções que afetam o Menino no encontro com o segundo peru é figurado pela imagem da luzinha verde *intermitente* do vagalume – vaga luz a vagar.

Para passarmos a “Os cimos”, e ainda sobre esse movimento não circular das alegrias, é interessante observar que ele só se realiza quando o Menino se encontra, pela primeira vez no conto, sozinho, distante e separado dos adultos – momento em que está apto a brincar com o mundo, a se aventurar por terras estranhas sem a mediação dos tios. Se o conto começa e termina com alegrias diferentes (mas ainda assim alegrias), ele começa com o Menino no meio dos adultos (Pai, Mãe, Tio, Tia) e termina com o Menino só, no terreirinho, à noite, acompanhando admirado o voo intermitente de um vagalume, cujo poder de afecção certamente passa por alguma espécie de identificação com ele. O interessante desse movimento não-circular de isolamento do Menino é que ele prenuncia uma decomposição do bloco familiar efetuado no conto espelhado.

⁵ Para um comentário sobre a não-circularidade de “As margens da alegria”, ver Riaudel (2022).

“Os cimos”

“A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar” – diz Riobaldo a seu interlocutor em *Grande Sertão: Veredas* (2001 [1956a], p. 118). Em “As margens da alegria”, o Menino se desilude, quebra o pacto compartilhado sobre as promessas vinculadas à construção modernista de Brasília e se desmistura do posicionamento geral de entusiasmo. Transcorrido um tempo, alguma desilusão parece alcançar também o restante dos membros do bloco familiar em “Os cimos”, provocando certa desmistura da parentela: a Tia fica para ajudar a cuidar da Mãe doente, afastando-se assim de seu companheiro, o Tio, que, por sua vez, precisou levar o Menino para longe da Mãe e de toda a situação. Mas e o Pai? Presente na cena inicial de “As margens da alegria”, ele sequer é mencionado em “Os cimos”... Essa ausência nem sempre é percebida na leitura do conto. Penso, contudo, que este seja um ponto fundamental para analisá-lo.

Por que o Pai não é sequer mencionado? Talvez porque seja um assunto proibido naquela família. (A dificuldade de comunicação, aliás, é característica marcante em “Os cimos”: o risco da morte da Mãe não é assunto verbalizado, apenas pensado isolada e individualmente, com receio). Será que ele também terá partido, como o personagem pai em “A terceira margem do rio”? A questão tem seu fundamento, pois a partida desse Pai, ausente, pode bem ser a origem de toda aquela alteração familiar: o adoecimento da Mãe; a vinda da Tia; o movimento do Tio para afastar dali o Menino inseparável de seu brinquedo predileto: um macaquinho. Com efeito, a Tia cuidosa garante que o Menino não se esqueça de levar o macaquinho em sua viagem para Brasília, para que ele não corra o risco de se sentir só por lá. Pergunto-me: inseparável desse macaquinho, o Menino já se sentia só e abandonado antes da viagem com o Tio?

De todo modo, há um interessante rearranjo familiar em “Os cimos”. A Mãe afastada do Pai (ausente); a Tia afastada do Tio. Os laços de afinidade e aliança estão afrouxados nesta estória. Esse afrouxamento da aliança terá um efeito sobre os laços de filiação que passam a se apresentar, de alguma maneira, potencializados: ainda que o

Menino esteja a se afastar da Mãe doente, trata-se de um “inverso afastamento” (p. 152) – e mesmo o macaquinho de brinquedo passa a receber, por parte do Menino, um cuidado, uma atenção e uma educação que são próprios dos que se oferece a um filho naquela situação (o macaquinho não deveria, por exemplo, usar o chapéu festivo naquele momento conturbado).

Não se sabe se a Tia, que fica com a Mãe, é sua irmã ou sua cunhada. Gosto de imaginar que elas são irmãs, não porque a sororidade entre cunhadas seja inverossímil – muito pelo contrário –, mas porque, sendo a Tia sua irmã, a relação do Menino com o Tio (figura masculina na ausência do Pai) passa a ser uma relação não exatamente familiar: como se o Tio só fosse “tio” do Menino porque casado com sua Tia. Essa imagem torna mais potente uma inversão entre os contos: o clima de ócio em “As margens da alegria”, que descreve um dia de viagem e de passeios do Menino com os tios, se transforma num clima de trabalho pesado em “Os cimos”: a Tia a cuidar da Mãe; o Tio a afastar o Menino de casa, levando-o em seus dias de trabalho junto a outros trabalhadores com quem o Menino também convive. Um índice claro dessa atmosfera de trabalho, além das sacudidas viagens diárias de jipe, é o gesto insistente do Tio a consultar seguidamente seu relógio. Imaginar que o Tio é o marido da Tia (e não irmão de sua Mãe) me faz sentir com mais potência esse mundo masculino do trabalho, de homens longe de casa, sem laços familiares entre si – contrastado com o mundo feminino do trabalho, doméstico, da Tia (irmã) solidária cuidando da Mãe⁶. Esta divisão sexual do trabalho retratava uma realidade amplamente comum no Brasil, citadino ou não, da década de 1950/60.

Em contraposição a essa nítida divisão laborial entre homens e mulheres, as outras divisões que esta segunda estória desenvolve tendem a ser bem ambíguas. Em “Os cimos” expressões como “entre dia” (p. 156), “meio-instante” (p. 157), “entremeio” (p. 158), “entretempo” (p. 159) e “entrepensava” (p. 159) espalham-se na narrativa. Mesmo o encontro com o tucano, decisivo para toda a estória, é dado na passagem entre o fim da

⁶ Um detalhe interessante é que nem a aeromoça reaparece em “Os cimos”. Quem devolve o chapéu festivo do Macaquinho para o Menino é “o moço ajudante do piloto” (p. 159). Ou seja: esse mundo do trabalho fora de casa é, neste conto, estritamente masculino – o que separa todos os “casais”: a Mãe do Pai, o Tio da Tia e, no plano do trabalho, o piloto da aeromoça.

madrugada e o início da manhã: seu voo pontual dando-se no exato momento em que a luz desponta sem que o sol ainda tenha raiado. Semelhantemente, imagens como o de um *inverso afastamento*, ou de um *voo parado* do avião, remontam, no início do conto, ao estado ambíguo em que o Menino se encontra: distante da abertura e disponibilidade que ele apresentava na primeira viagem de avião em “As margens da alegria”, em “Os cimos” o Menino se apresenta ambigualmente, com um semblante simpático por fora, mas completamente agitado e angustiado por dentro:

Entrara aturdido no avião, a esmo tropeçante, enrolava-o por dentro um estufo como cansaço; fingia apenas que sorria quando lhe falavam (p. 152).
También todos, até o piloto, não eram tristes, em seus modos, só de mentira no normal alegrados? (p. 152-153).

A indissociabilidade perspectivista entre o modo como o Menino se encontra afetado e sua percepção constitutiva do mundo também reaparece em “Os cimos”. Com efeito, há uma relação de continuidade entre essa ambiguidade paralisante (exterior-simpático/interior-angustiado) do Menino e o modo como ele percebe a viagem inicial de avião, tomada como um movimento estático, um voo parado (“ele voava o voo – que parecia estar parado”, p. 153). Mas há também, aqui, um perspectivismo relacionado à afecção e ao agenciamento animal, nos quais o Menino se vê submetido em seu encontro com o tucano.

“Campo Geral”, novela de Guimarães Rosa publicada em *Corpo de Baile* (2010 [1956b]), nos ajudará a apontar o que queremos aqui abordar. A estória de Miguilim e Dito mantém muitos paralelos com o par de estórias que estamos analisando. A começar pela tematização do universo infantil, abordando o amadurecimento do menino protagonista por meio de descobertas e passagens traumáticas (o dinamismo tristeza/alegria), todas vinculadas a seu relacionamento com os bichos, a seu apego pela mãe que é simultâneo a uma tensão com o pai, etc. Gostaria de lembrar, com algum detalhe, o momento em que Dito, irmão mais novo e mais sabido de Miguilim, encontra com um par de corujas pequenas, batuqueiras, do tipo que não faz ninho e que, naquela casa, habitavam um buraco de cupim, perto da porta, assustando quem por ali vinha, “com um grito feio – um barulho de chiata: *Cuíc-cc'-kikikik!...*” (2010 [1956b], p. 109, grifo do original). Vide como o narrador de Rosa descreve o habitat dessas corujas: “só se viam

as cascas dos besouros comidos, ossos de cobra, porcaria. E ninguém não gostava de passar ali, que é perigoso: por ter espinho de cobra, com os venenos” (2010 [1956b], p. 109). Mas Dito passara ali para espiar algum assunto e, sem querer, encontrou-se e surpreendeu-se com as corujas:

O Dito contou que a coruja eram duas, que estavam carregando bosta de vaca para dentro do buraco, e que rodavam as cabeças para espiar para ele, diziam: “*Dito! Dito!*”. Miguilim se assustava: — “Dito, você não devia ter ido! Não vai mais lá não, Dito”. Mas o Dito falou que não tinha ido lá para ver a coruja...” (2010 [1956b], p. 109, grifos do original)

Este encontro mostrou-se um mau agouro: logo depois o Dito se machuca gravemente ao pisar num caco de pote quebrado pela traquinagem de um macaquinho (um mico-estrela). Antes de se machucar, Dito não passara por ali para encontrar as corujas. Mas o encontro, todavia, aconteceu: nele, surpreendentemente, as corujas o percebem, o encaram e, dirigindo-se a ele, o nomeiam: “*Dito! Dito!*”. Há uma fala, uma comunicação – certamente anímica, misteriosa, mas há.

Tudo isso lembra bastante o encontro do Menino com o tucano em “Os cimos”. A aparição maravilhosa do tucano na copa das árvores também é surpreendente. No entanto, à diferença do encontro do Dito com as duas corujas (que se dirigem a ele) ou do encontro anterior do Menino com o primeiro peru (que se apresenta ao Menino), este encontro com o tucano não se dá frente a frente, num mesmo plano. O surgimento repentino do tucano lá no alto soa e tem o efeito próprio de uma aparição, uma espécie de revelação: trata-se de encantamento extraordinário a trazer um bom agouro. Ainda que em planos diferentes, o tucano também é, tal qual as corujas e o peru dos outros contos, imagem e som conjugados num corpo presente a afetar a criança. Se há formas de ouvir um pássaro sem vê-lo, ou de vê-lo sem ouvi-lo, é interessante observar que, nos contos aqui analisados, o impacto marcante nas crianças é consequência de uma *presença plena* desses pássaros: plenos, os corpos do primeiro peru, das corujas e do tucano conjugam imagem e som – em contraposição às crianças (o Menino e o Dito) que, surpreendidos, interagem silenciosos, como se eles fossem objeto da ação dos pássaros.

Façamos então a comparação entre o modo como as corujas se dirigem ao Dito, em “Campo Geral”, e o modo como o tucano soa para o Menino, em “Os cimos”:

E: — “Pst!” – apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro – depois de seu voo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embrevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros – quem sabe, seus filhotes – da banda da mata. O grande bico para cima, desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos: — “Crrée!”... O menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas (p. 155-156, grifos do original).

Muito do que estamos a comentar se acha neste magnífico parágrafo, a começar pelo corpo pleno, conjugando imagem e som: esplendor de cores a gritar altivo algo meio ferrugento, mas também a ouvir o canto de outros pássaros – seus *filhotes*? Que *esta* seja a relação imediatamente imaginada naquele momento mostra o quanto a filiação parece estar sob o foco da narrativa: não só a relação entre mãe e filho, mas também entre pai e filho, dado que o tucano está só, distanciado de seus possíveis filhotes. Note-se, ainda nesse sentido, que o voo solitário desse tucano sucede a revoada de um bando de cerca de trinta tucanos que, como nos informa o narrador, outrora também se dava, frequentemente, ali, numa hora posterior do dia: o indivíduo solitário a suceder o bando replica o movimento do Menino dentro de sua família – ou do Pai, da Mãe, do Tio e da Tia que, de alguma forma, se encontram sós, distantes que estão de seus parceiros no novo arranjo familiar narrado pelo conto... Mas estávamos a falar do modo como o tucano, corpo a ser visto e ouvido, soa para o Menino. Aquele “Pst!” inicial do tucano já não soa como um chamamento? E aquele “Crrée”, altivo, forte, a ressoar na entremanhã, não soaria como alguma conjugação do verbo *crer* em voz imperativa? As onomatopeias do bater das asas no voo do tucano também parecem soar e significar mais do que meras onomatopeias:

E o tucano, o voo, reto, lento – como se voou embora, *xô, xô!* – mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho (p. 156, grifos do original)
De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso:... *chégochégochégo...* – em

voo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado (p. 157, grifos do original).

Xô, xô quando ele se vai (como quem diz: “tchau”) e *Chégochégo* quando, de madrugada, antes do raiar do sol, ele aparece (como quem diz: “[estou] chegando”). Essas observações ganham força quando nos lembramos das corujas, em “Campo Geral”, chamando “*Dito! Dito!*” ao menino Dito⁷.

Perspectivismo temporal

Além do agenciamento e da perspectiva animal, dos corpos plenos do pássaro a afetar o mundo do Menino, há novamente, em “Os cimos”, aquele outro aspecto importante de toda relação dada sob um regime perspectivista, a saber, a diferença e o confronto entre pontos de vista distintos. No trecho supracitado referente à primeira aparição do tucano, dois personagens testemunham a cena: o Menino, de um lado, e o Tio, de outro. O Menino “de olhos arregaçados”; o Tio a limpar os óculos. O Menino, portanto, a mirar e ver diretamente, com atenção e foco encantado no tucano; o Tio a mirar com mediação, através dos óculos, sem a mesma percepção nem a mesma concentração. A leitora e o leitor talvez se contraponham a esta leitura argumentando que o texto não apresenta indícios suficientes que me permitam ver, aí, uma diferença de perspectivas, i.e., uma diferença de qualidade e natureza das miradas. Ao contrário, haveria, aí, apenas uma diferença de grau: uma visão mais atenta, outra menos focada, mas ambas a “fazer gosto por aquilo” (p. 155). A diferença de perspectivas, no entanto, vai se tornando mais clara no decorrer do conto.

Quando o Tio recebe um telegrama da Tia com más notícias sobre a Mãe, demonstrando um “envelhecimento da esperança” (p. 158), o Menino contrapõe-se

⁷ Sobre à comunicação verbal entre gente e pássaro na obra rosiana, há também esta passagem de “Recado do morro” (em, *Corpo de Baile*): “E, longe, piava outro passarinho – um sem nome que se saiba – o que canta a toda essa hora do dia, nas árvores do ribeirão: *Toma-a-bênção-ao-seu-tí-í-o, João!...*” (p. 31, grifos adicionados).

esperançoso, recusando-se a esmorecer. Mas é como se não acreditassem nessa diferença de perspectivas, na esperança do Menino, pois neste momento ele percebe que

Para consolá-lo, combinavam maneira de pegar o tucano: com alçapão, pedrada no bico, tiro de espingardinha na asa. Não e não! – zangou-se, aflito. O que cuidava, que queria, não podendo ser aquele tucano, preso. Mas a fina primeira luz da manhã, com, dentro dela, o voo exato.
O hiato – o que ele já era capaz de entender com o coração (p. 158).

O hiato, a diferença de perspectivas, é grande e desoladora para o Menino, que quase acaba testemunhando fazerem com o tucano, livre e selvagem, a repetição do que fizeram com o peru, que foi preso, domesticado e morto para o aniversário de um doutor. Contudo, dessa vez nada acontece com o tucano, pois o Menino se pronuncia: “Não e não!”. Ou seja: desta feita, diferentemente da primeira viagem à Brasília, o Menino expressa sua diferença de perspectiva.

O Tio com a esperança envelhecida; o Menino com a esperança renovada: o voo do pássaro não tem o mesmo efeito sobre os dois. Essa diferença entre pontos de vista (desesperança vs esperança) já é, reparem, a diferença entre dois regimes temporais divergentes experimentados pelo Tio e pelo Menino diante do voo do pássaro. É pelo Tio que somos informados que o espetáculo da vinda do tucano, toda entremanhã, durava cerca de dez minutos (das 06:20h às 06:30h): “O Tio media tudo no relógio” (p. 156). A percepção do Tio, a limpar os óculos, se dá por uma lente cuja dimensão temporal obedece ao sistema do relógio. E o Menino? Para ele, o voo do tucano era uma fonte direta de força cuja afecção desembocará, no fim do conto, num “desmedido momento” (p. 159), numa experiência em que as coisas e suas sensações convivem ao mesmo tempo, num só instante, mas sem contradição ou ambiguidade:

O Menino sorriu do que sorriu, conforme de repente se sentia: para fora do caos pré-inicial, feito o desenglobar-se de uma nebulosa.
E era o inesquecível de repente, de que podia traspassar-se, e a calma, inclusa. Durou um nem-nada, como a palha se desfaz, e, no comum, na gente não cabe: paisagem, e tudo, fora das molduras. Como se ele estivesse com a Mãe, sã, salva, sorridente, e todos, e o Macaquinho com uma bonita gravata verde – no alpendre do terreirinho das altas árvores... e no jipe aos bons solavancos... e em toda-a-parte... no mesmo instante só... o primeiro ponto do dia... donde assistiam, em tempo-sobre-tempo, ao sol no renascer e ao voo, ainda muito mais vivo, entoante e existente – parado que não se acabava – do tucano, que vem comer frutinhas na dourada copa, nos altos vales da aurora, ali junto de casa. Só aquilo. Só tudo (p. 159-160).

Do voo parado e ambíguo do avião ao voo parado e não-ambíguo do tucano há um movimento libertador, um escape do angustiante caos pré-inicial. A experiência final de expansão do Menino, aquele raro contentamento, emerge interessantemente como o desenvolvimento de um estado incipiente que ele, recém-chegado, ainda marcado por uma imperiosa angústia sem perspectiva de solução, vivera em sua primeira noite na casa do Tio após varar uma madrugada quase toda de insônia. Assim é descrito o despertar do Menino, nesta noite mal dormida que antecede o aparecimento maravilhoso do pássaro:

[...] vindo o outro dia, no não-estar-mais-dormindo e não-estar-ainda acordado, o Menino recebia uma claridade de juízo – feito um assopro – doce, solta. Quase como assistir às certezas lembradas por um outro; era que nem uma espécie de cinema de desconhecidos pensamentos (p. 154).

Estou me detendo nessa experiência porque ela é desenvolvida em mais de um momento na obra rosiana. Em sua publicação seguinte – *Tutameia* (2009 [1967]), na seção III do quarto prefácio intitulado “Sobre a escova e a dúvida” –, Rosa retoma o mesmo contraste entre as duas temporalidades (relógio medidor vs momento desmedido) a partir de um relato autobiográfico cuja experiência é a mesma do Menino ao despertar (entre dormindo e acordando). Indico a leitura completa dessa seção III que, se eu tivesse coragem, citaria na íntegra aqui, pois constitui-se todo como um comentário sobre a oposição dessas duas perspectivas temporais. Reproduzo a seguir apenas três parágrafos, os que me parecem mais pertinentes para a presente análise, mantendo o modo como eles vêm editados no original, em *Tutameia*, com itálicos e não itálicos:

Eu morava numa cidade estrangeira, na guerra, atribulando-me o existir, sobressaltado e monótono. Dormia de regra um só estiro, se não cantassem as sereias para alarma aéreo e ataque. Vem, porém, a vez, rara e acima de acepção, em que acordei, mesmo por nenhum motivo. Era noite mais noite e mais meia-noite; não consultei quadrante e ponteiros. Os relógios todos, de madrugada, são galos mudos.

— Até hoje, para não se entender a vida, o que de melhor se achou foram os relógios. É contra eles, também, que teremos de lutar...

Senti-me diferente imediatamente: em lepidéz de voo e dança, mas também calma capaz de parar-me em qualquer ponto. Se explico? Era gostoso e não estranho, era o de a ninguém se transmitir. Tinham aliviado o mundo. Da kitchenette, via palmos de pátio de cimento, de garage, molhado e que reflexos alumiam fraquíssimo. Mexi meu chocolate. E —

— *É o que mais se parece com a “felicidade”: um modo sem sequência, desprendido dos acontecimentos – camada do nosso ser, por ora oculta – fora dos duros limites do desejo e de razões horológicas.* (2009 [1967], p. 214, grifos do original)⁸.

Em *Tutameia*, portanto, retoma-se o contraste e o confronto entre aquelas duas perspectivas temporais apresentadas em “Os cimos”, com os mesmos motivos do voo lépido, do contentamento raro, da perceptividade clara, surgidas a partir de uma experiência longa de angústia forte, num momento inconsciente entre o sono e a vigília, como um sonho-acordado. O ponto que gostaria de destacar aqui é que essas perspectivas temporais são tão distantes quanto inconciliáveis: ou experimentamos o tempo horológico do relógio medidor, ou experimentamos aquele tempo raro, vital e desmedido. Não há possibilidade de coexistência simultânea entre elas. Na disputa dessas temporalidades, Rosa toma partido claro: se a qualidade temporal do relógio não entende a vida, a outra temporalidade – sem sequência, desprendida de acontecimentos, calma e lépida (como um voo, uma dança) – constitui “camada do nosso ser, por ora oculta”.

E essa é a diferença de perspectivas que o Menino e o Tio desenvolveram naqueles dias de convivência diante do tucano. O diálogo final entre eles, no pousar do retorno do avião, é mais um índice dessa diferença, percebida claramente pelo Menino, mas, talvez, não pelo Tio:

— “Chegamos, afinal!” – o Tio falou.
 — “Ah, não. Ainda não...” – respondeu o Menino.
 Sorria fechado: sorrisos e enigmas, seus. E vinha a vida (p. 160).

Fechemos com uma observação curiosa a respeito do perspectivismo que advogamos para a leitura do par espelhado de contos. Do ponto de vista do Menino, há uma inversão ou quiasma entre as relações que ele mantém com os animais e com os humanos: [1] enquanto as interações que ele estabelece com os perus e o tucano

⁸ Nessa comparação, é interessante observar que o encontro do Menino com o tucano também remete a um dado biográfico de Rosa. Em carta endereçada para seu pai Florduardo, Rosa assim escreve: “...eu acordava cada manhã para assistir ao nascer do sol, e ver um enorme tucano, colorido, bellissimo, que vinha, pelo relógio, as 06:15h, comer frutinhas, durante dez minutos, na copa alta de uma árvore pegada a casa, uma ‘tucaneira’, como por lá dizem. As chegadas e saídas desse tucano foram uma das cenas mais bonitas e inesquecíveis de minha vida” (ROSA apud GALVÃO, 2008 [2002], p. 194).

realizam-se como conexões afetivas, [2] as relações estabelecidas com seus tios se realizam, ao fim e ao cabo, como desconexões afetivas. Ou seja: ali onde as espécies se distanciam (onde se espera incomensurabilidade) o encontro os aproxima; enquanto ali onde a espécie os aproxima (onde se espera comunicação) o encontro os distancia. A leitora e o leitor que estão familiarizados ao perspectivismo ameríndio proposto por Viveiros de Castro hão de lembrar, aqui, da figura do xamã, que, por vezes, pode adotar, num só passo, a perspectiva do animal em detrimento da perspectiva compartilhada com seus congêneres: aberto às potências do fora, esse Menino tem um quêzinho de xamã ao trazer para os leitores da estória outra perspectiva sobre esse processo modernizador brasileiro, pois, diferentemente do discurso oficial e oficioso, o Menino não vê nem vive o cerrado como espaço vazio, despovoado, inerte e inócuo, pronto para ser ocupado em função de uma “necessária” e “inevitável” modernização vista como política de integração do país. Para o Menino, ao contrário, o cerrado é vivo, multipovoado, e está sendo assassinado diante de olhos fantasmáticos, dessubjetivados, insensíveis, a desviar convenientemente sua mirada para redirigi-la, por exemplo, aos relógios. O Menino, assim, nessa cidade em construção, não quererá ouvir um *big ben* ou mirar as horas numa torre alta de relógio construídos para organizar o ritmo da vida citadina – ao contrário, ele quererá, ao olhar pra cima, permanecer com o canto ferrugento e as altas cores do tucano, em seu voo preciso e desmedido.

Quiasma

Entre o planejamento e os primeiríssimos movimentos da construção ainda incipiente da moderna cidade, em “As margens da alegria”, e a etapa um pouco mais avançada no desenvolvimento do trabalho de levantamento de Brasília, em “Os cimos”, apontamos uma mudança nas relações sociais que pode ser aqui descrita e esquematizada por certa inversão na articulação dos dois modelos de vínculo familiar. Além da passagem de uma atmosfera de passeio em “As margens da alegria” para uma atmosfera de trabalho em “Os cimos”, há uma inversão do rendimento e do regime dos

laços de filiação e aliança entre os dois contos: [1] na primeira estória o afrouxamento dos laços de filiação (o Menino distanciando-se dos pais para uma aventura com os tios) acompanha uma *modulação do laço de aliança* (Pai e Mãe acompanhando a entrada do filho no avião; Tia e Tio, sem filhos, passeando com o Menino sobrinho na cidade); [2] na última estória, inversamente, o afrouxamento dos laços de aliança (a Mãe doente sem a presença do Pai; o Tio em casa, trabalhando, sem a Tia) é acompanhado de uma *modulação do laço de filiação* (o filho, mesmo afastado da Mãe, se acha ainda mais próximo dela, numa dinâmica de “inverso afastamento”).

Ora, esse não seria o comentário de Rosa a respeito de possíveis efeitos do processo de modernização do país na regulação das relações sociais no sertão? Justificando sua necessidade a partir da mobilização do insistente fantasma de uma potencial desintegração nacional, o Estado brasileiro viria para garantir, conforme a narrativa oficial da modernização dos anos 1950/60, a integração definitiva do país como nação, por meio de sua presença e de seus atributos de centralização e mediação entre diferenças. Afrouxando a filiação familiar em benefício da própria filiação estatal (que seria mais fundamental), a presença de um Estado moderno prometia a resolução mais eficaz dos conflitos entre os cidadãos, protegendo-os uns dos outros a partir da regulação das relações sociais, com garantias de paz e integração. Na prática, no entanto, o resultado seria outro: espécie de Pai ausente, distante, o Estado desampararia os cidadãos de suas alianças primárias, pré-estatais, tornando-os mais desarticulados e mais solitários (i.e., individualizados). Pois percorrido apenas parte inicial desse processo de modernização, o Menino já se vê sem o Pai (ausente) e sem a possibilidade de integrar todos os seus: sozinho com seu brinquedinho, ou ele se distancia da Mãe para se aproximar de seu Macaquinho (na ida de avião à Brasília), ou se distancia do Macaquinho para se aproximar da Mãe (na volta da viagem). A filiação familiar afrouxada pela presença do Estado moderno já não pode ver sua integração completa: de *Mãe – (Menino + Macaquinho)* passa-se à *(Mãe + Menino) – Macaquinho*. E na impossibilidade de juntar todos os seus, o Menino se vê imaginando o encontro de todos, naquele sonho-acordado do final de “Os cimos”: ele, sua Mãe e seu Macaquinho reunidos sob o voo bonito do tucano (verdadeiro princípio integrador, em contraposição ao Estado-Pai). De modo que o quiasma angustiante, o desequilíbrio perpétuo na conta da

filiação, acaba involuntariamente regando o solo social para o florescimento de uma perspectiva mais espiritual (leia-se: menos racional) para suas relações desmembradas – pois é uma experiência sobrenatural que surge, ali, onde a narrativa oficial da modernização prometia racionalização.

A narrativa oficial, como sói ocorrer no Brasil, não cumpre o que promete – tornando, talvez, ainda mais potente aquilo que diagnosticava como problema, a saber, a tendência de desmembramento social. Pois se o movimento de fechamento e isolamento do Menino, no primeiro conto, já anunciava o desmembramento social de todos os outros personagens no último conto, vale notar que tal desmembramento não é desfeito. Dito de outro modo: se a gente pode discutir acerca da circularidade ou não dos contos no que se refere à dinâmica transformacional entre alegria e tristeza, não podemos sequer imaginar uma circularidade social: a estória que se inicia com todos reunidos em torno da narrativa da integração moderna do país termina apresentando um tecido social bastante desmembrado e individuado – e sem qualquer perspectiva de inversão.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. (1966). Rosa em três tempos. In: MORAES, Emanuel de (org.). **Seleta em verso e prosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007. p. 39-44.

CAMACHO, Fernando. (1966). Um diálogo com Guimarães Rosa. **Revista Humboldt**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 42-53, 1978.

GALVÃO, Walnice. (2002). O nome do pai. In: GALVÃO, Walnice. **Mínima mímica: ensaios sobre Guimarães Rosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 188-200.

PACHECO, Ana Paula. **Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras Estórias de Guimarães Rosa**. São Paulo: Nankin, 2006.

RIAUDEL, Michel. “**As margens da alegria**”: Conferencia de Abertura do Colóquio Internacional Primeiras Estórias (60 anos). 2022. Disponível em <https://youtu.be/ZjXsYrfWkE>. Acesso em: 30 jul. 2022.

RÓNAI, Paulo. (1966). Vastos espaços. In: ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 19-47.

ROQUE, Andrius Felipe. **A dualidade como princípio estruturante em Primeiras Estórias, de Guimarães Rosa**. 167f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ROSA, João Guimarães. (1956a). **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. (1956b). **Corpo de Baile** (Vol. I). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

ROSA, João Guimarães. (1962). **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, João Guimarães. (1967). **Tutameia: Terceiras Estórias**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

SAFATLE, Vladimir. A dialética do romance nacional: retorno ao debate Roberto Schwarz/ Beto Prado Jr. In: SAFATLE, Vladimir. **Dar corpo ao impossível: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 273-297.

TATIT, Luiz. A Verdade Extraordinária – “As margens da Alegria”. In: TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010. p. 45-70.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **A inconstância da alma selvagem – e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: CosacNaify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. (2009). **Metafísicas canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ed n-1, 2015.

WISNIK, José Miguel. O Famigerado. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n 10, p. 177-198, 2002.

Recebido em 11/03/2023.

Aprovado em 10/07/2023.